

POR QUE TRADUZIR UM TEXTO PEDAGÓGICO DE IMMANUEL KANT NOS TEMPOS DE HOJE?

Introdução a uma tradução parcial das Lições sobre Educação

Ferdinand Röhr*

Não dá para negar que a filosofia de Immanuel Kant volta a ser discutida atualmente no Brasil. As mais recentes publicações e traduções podem ser consideradas um indicador objetivo deste fato. No entanto, um texto introdutório a uma tradução parcial das "Lições sobre Educação" de Kant não é o lugar adequado para analisar detalhadamente as razões deste novo interesse a respeito do pensamento do filósofo de Königsberg. Sem dúvida, o fato da crise dos paradigmas da abertura política no Brasil, iniciada e acompanhada pela dissolução de quase todos os regimes do 'socialismo real' no mundo, levou a procura de novas orientações nas mais variadas abordagens teóricas, sejam elas históricas ou 'novas'. Mas, mesmo durante o período auge dos paradigmas marxistas, os pensadores menos dogmáticos, dentre eles poderíamos mencionar Jürgen Habermas, nunca deixaram de considerar o pensamento de Kant digno de ser discutido.

Mesmo assim, não achamos suficiente justificar a publicação de um texto pedagógico de Kant com o fato de que a filosofia dele voltou à cena. Isso significaria cimentar o velho preconceito de que o pensamento pedagógico não tem sustentação em si e se esgota na aplicação das teorias em moda, sejam estas filosóficas, psicológicas, antropológicas, sociológicas, econômicas ou de outras áreas no bojo das ciências humanas. O que pode, sob nosso ponto de vista, justificar a preocupação com o pensamento pedagógico de Kant é o fato de o mesmo ter dado uma contribuição significativa durante o processo histórico da constituição da teoria pedagógica que, no mais tardar, começou com Platão e, sem sombra de dúvida, não chegou a um termo definitivo até hoje (bem como nas outras áreas mencionadas, mesmo sendo o status científico delas menos questionado do que o da pedagogia). Conseqüentemente, a nossa tarefa nessas considerações introdutórias é, pelo menos, apontar esta contribuição de Kant sem querer antecipar com isso uma interpretação mais detalhada.

Partindo das circunstâncias de elaboração do texto em questão nem seria de se esperar reflexões de peso sobre a teoria pedagógica. Em primeiro lugar, Kant mesmo não optou por dar lições sobre educação aos seus alunos. Por decreto do Freiherr Zedlitz, ministro do Imperador Frederico II da Prússia, os sete professores ordinários da Faculdade de Filosofia de Königsberg tinham que oferecer cada semestre,

* UFPE-CE-Dep. de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação

se revezando, uma disciplina com duas aulas semanais sobre Arte de Educar (Erziehungskunst). Kant lecionou esta disciplina quatro vezes entre os anos 1776 e 1787, quer dizer, na fase de elaboração e consolidação da sua filosofia crítica. Fica evidente que a temática prescrita das lições, que apontava muito mais em direção aos problemas concretos do processo educativo, não andou muito ao encontro do interesse de Kant que, obviamente, se concentrava na problemática de uma fundamentação científica da educação. Além do dito, o decreto ministerial previa inicialmente a utilização, enquanto texto básico, da obra "Livro de Métodos para Pais e Mães" (1770) de J.B. Basedow e mais tarde o livro do colega Bock sobre a "Arte de Educar". Porém, a crença na liberdade acadêmica e uma desobediência civil moderada levaram Kant a atender o currículo prescrito, apenas parcialmente, seguindo a própria vocação para as questões de fundo. E nisso, o filósofo ultrapassou em muito a mera obrigação decretada. Temos de procurar a razão disso principalmente na insistente intenção pedagógica que é própria à maneira de pensar de Kant, em especial, e à Época das Luzes, em geral. Podemos, sem sombra de dúvida, interpretar a obra crítica de Kant no seu conjunto como contribuição educativa para que a humanidade conquiste o próprio esclarecimento (Aufklärung). Assim, não é de surpreender que as lições de Kant sobre a educação contassem com um enorme interesse por parte dos estudantes que se entusiasmavam pela filosofia crítica. Sessenta a setenta ouvintes na época era um número que, em muito, ultrapassava a média e causava problemas de espaço físico pelo fato dos professores terem que ministrar as aulas na própria casa.

Além das circunstâncias relatadas, existem dificuldades significativas a respeito da edição do texto traduzido. Kant sistematizou as suas idéias sobre os assuntos das lições num caderno. Depois da implantação de um Seminário Pedagógico na Faculdade em 1790 e a consequente transferência da referida disciplina para o mesmo, Kant deixou o caderno com seu aluno Rink para uma publicação posterior. O fato é que este caderno se perdeu e não dispomos de notícias exatas sobre como Rink compôs o texto posteriormente editado. Assim, não se sabe com toda certeza até que ponto o texto se baseia nas anotações do próprio Rink ou de outros alunos de Kant e/ou de outros textos Kantianos a respeito dos assuntos tratados. Evidente é que o texto editado não tem a mesma clareza, nem na sistematização dos argumentos, nem na elaboração da terminologia, que conhecemos das lições publicadas sobre outros assuntos, como a ética, a antropologia, a lógica ou a geografia. De outro lado, dificilmente se pode negar a autenticidade do teor das afirmações, principalmente levando-se em consideração a confirmação de que estas se encontram nos demais escritos de Kant. Sendo assim, a grande importância do texto em questão consiste no fato de que ele é o único de Kant que se concentra diretamente na questão educacional, e com isso permite uma visão integral dos demais fragmentos do seu pensamento pedagógico, que se encontram espalhados praticamente por toda a sua obra.

Finalmente, é a mesma relação entre as "Lições sobre Educação" e a obra crítica em geral que permite identificar a fundamentação teórica da educação em Kant. Quando Kant encontra a noção básica da teoria pedagógica no ideal de um desenvolvimento proporcional de todas as disposições humanas no indivíduo, percebe-

mos a inquestionável influência de Rousseau, no sentido de estabelecer a meta da educação fora de todas as determinações históricas, políticas, sociológicas, culturais ou econômicas. Kant se distancia de Rousseau na determinação das disposições humanas que, seguindo os escritos sobre a antropologia, se dividem em disposições técnicas, pragmáticas e morais. Nas últimas encontramos o primeiro eixo crucial da teoria pedagógica, a moralização que representa a humanização propriamente dita do ser humano. Seguindo a ética Kantiana, a educação tem como meta principal levar o educando ao ponto em que ele mesmo assume, com autonomia, a lei moral em si, o imperativo categórico. Ligado a isso encontramos o segundo eixo, o político, que encontra a sua sustentação teórica principalmente nos escritos de Kant sobre a filosofia da história: a autonomia individual depende da de todos. A teoria pedagógica, conseqüentemente deve se fundamentar numa visão cosmopolita de que somente o esforço educativo de todos, baseado em processos judiciosos, no decorrer das gerações, pode garantir o progresso da humanidade nos dois sentidos da palavra.

LIÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO¹

Immanuel Kant

Tradução Ferdinand Röhr com a colaboração de Lêda Dantas*

O homem é a única criatura que deve ser educada. Entende-se por educação cuidados (alimentação, manutenção), disciplina (ascese moral) (Zucht²) e instrução,

* UFPE-CE-Dep. de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação

-
- 1 Esta tradução não se baseia em nenhuma edição específica do texto original. Utilizou-se principalmente as edições de Vorländer [Immanuel Kant: Sämtliche Werke in 9 Bden. Hrsg. v. K. Vorländer u.a. Leipzig 1921-22/1 (Meiner)] e Cassirer [Immanuel Kants Werke. Hrsg. v.E. Cassirer u.a., 11 Bde., Berlin 1922-23/1 (Cassirer)], comparando-as com as mais atuais de Dietrich [Immanuel Kant über Pädagogik. Hrsg. v. Th. Dietrich, Heilbronn 1960 (Klinkhardts Päd. Quellentexte)], Holstein [Immanuel Kant über Pädagogik. Hrsg. v. H. Holstein, Bochum o.J.(1961) (Kamps päd. Taschenbücher)] e Groothoff [Immanuel Kant. Ausgew. Schriften zur Pädagogik und ihrer Begründung. Bes. v. H.-H. Groothoff u.a., Paderborn 1963 (Ferdinand Schöningh)]. Consultou-se, também, a edição francesa preparada por Philonenko [Emmanuel Kant. Réflexions sur L'éducation. Tradução, introdução e notas de A. Philonenko. Seconde édition. Paris 1974 (Librairie Philosophique J. Vrin)]. As notas de rodapé são de autoria de Ferdinand Röhr.
 - 2 A tradução da palavra Zucht por ascese moral se justifica a partir do significado que Kant atribui à mesma na sua obra em geral [Cf. Rudolf Eisler. Kant-Lexikon. Nachschlagewerk zu Kants sämtlichen Schriften/Briefen und handschriftlichem Nachlass. Hildesheim, New York 1979 (Georg Olms Verlag) p. 43 e p. 620]. No presente texto Kant utiliza "Zucht" e "Disziplin" como sinônimos.

juntamente com a formação (Bildung³). Em virtude disso o homem é lactente, - educando (Zögling), - e aprendiz (Lehrling).

Os animais usam suas forças, regularizadamente, desde que as possuem, isso significa, usam-nas de tal sorte que elas não lhe sejam prejudiciais. De fato, é admirável perceber como, por exemplo, os filhotes de andorinhas, mal saídos dos ovos e ainda cegos saibam, não obstante, como se arranjar de maneira a fazer cair seus excrementos fora do ninho. Portanto, os animais não necessitam de cuidados, no máximo de ração, aquecimento e condução ou uma certa proteção. Talvez a maioria dos animais precisa ser alimentada, mas não necessita de cuidados. Entende-se, pois, por cuidados as precauções que tomam os pais para que as crianças não façam um uso prejudicial das suas forças. Se, por exemplo, um animal chorasse, como o fazem as crianças ao vir ao mundo, ele se tornaria infalivelmente a presa dos lobos e de outros animais selvagens, atraídos pelo seu choro.

A disciplina ou a ascese moral transforma a animalidade em humanidade⁴. O animal, pelo seu instinto, já é tudo, uma razão alheia já lhe providenciou tudo. O homem, ao contrário, precisa da própria razão. Ele não tem instinto e deve fixar, ele próprio, o plano de sua conduta. Uma vez que ele não é imediatamente capaz de fazer, mas, vem ao mundo, em estado bruto, é necessário que outros o façam por ele. A espécie humana deve, pouco a pouco, por seu próprio esforço, tirar dela mesma todas as qualidades naturais da humanidade. Uma geração educa a outra. Nós podemos procurar o começo num estado totalmente inculto, ou num estado perfeito de civilização. Mas, se nós admitimos que o segundo estado foi aquele que existiu de início, é necessário também admitir que o homem tornou-se mais tarde selvagem e caiu na barbárie.

A disciplina impede que o homem seja desviado do seu destino, aquele da humanidade, por suas inclinações animais. Ela deve, por exemplo, lhe impor os limites, de tal forma que ele não se exponha aos perigos, selvagem e levianamente. A ascese moral (Zucht) é assim, meramente negativa, é o ato pelo qual se despoja o homem de sua selvageria; a instrução, ao contrário, é a parte positiva da educação.

A selvageria é a independência em relação a leis. A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa fazendo-o sentir a coação dessas leis. Mas isso deve começar cedo. É assim, por exemplo, que envia-se crianças à escola. Inicialmente, não na intenção de que elas aprendam alguma coisa, mas a fim de que se habituem a ficar tranqüilamente sentadas e a observar pontualmente o que se lhes ordena, de modo que, mais tarde, elas não cheguem a por em prática, de fato e imediatamente, tudo o que lhes vêm à mente.

3 Distinguindo-se da instrução, que se constitui num processo de transmissão de informações de todas as naturezas, formação (Bildung) no pensamento de Kant caracteriza um processo educativo que atinge a pessoa mais profundamente. Trata-se, pois, fundamentalmente, de um processo de formação moral e intelectual com o objetivo de adquirir uma mentalidade humanística.

4 Ao se referir a humanidade (Menschheit), Kant não tem em vista o conjunto dos seres humanos, mas aquilo que é propriamente humano.

Todavia o homem, por natureza, tem uma inclinação tão grande para a liberdade, que, se ele começa por se habituar a ela algum tempo, ele lhe sacrifica tudo. Por isso, como se disse, é necessário muito cedo aplicar a disciplina, por que se não for assim, será muito difícil modificar o homem mais tarde. Ele seguirá então todos os seus caprichos. Pode-se verificar isso também nas nações selvagens, pois mesmo elas servindo aos europeus, por um tempo prolongado, elas nunca se acostumam a essa maneira de viver. Contudo, no caso delas isso não é, como Rousseau e outros opinam, uma nobre inclinação à liberdade, mas uma certa rudeza, na qual de uma certa maneira o animal ainda não desenvolve em si a humanidade. Por isso o homem deve, logo cedo, ser acostumado a se submeter às prescrições da razão. Se na juventude, se o deixa fazer tudo à sua vontade e nada se lhe opõe, ele conservará durante sua vida inteira uma certa selvageria. E também não ajuda em nada àquelas pessoas, serem protegidas na sua juventude por uma excessiva ternura maternal, pois mais tarde só encontrarão mais resistências ainda e sofrer-se-á por toda parte tão logo se engajem nos negócios do mundo.

É um erro costumeiro na educação dos grandes que, ninguém jamais se lhes oponha verdadeiramente na sua juventude, por que eles estão destinados a reinar. No homem, em razão de sua inclinação para a liberdade, é necessário polir sua rudeza, por outro lado, no animal isto não é necessário por causa do instinto.

O homem tem necessidade de cuidados e de formação (Bildung). A formação compreende a ascese moral (Zucht) e a instrução⁵. Nenhum animal, tanto quanto se o saiba, tem necessidade dessa última. Pois nenhum animal aprende qualquer coisa dos mais velhos, exceção feita ao canto dos passarinhos. Esses são instruídos naquilo pelos velhos e é tocante observar, como se eles estivessem numa escola, os velhos cantarem com todas as suas forças antes de seus pequenos e eles se esforçarem por tirar os mesmos sons de suas pequenas goelas. Para se convencer de que os passarinhos não cantam por instinto, mas aprendem realmente a cantar, vale a pena fazer uma prova retirando assim, a metade dos ovos dos canários e substituindo-os pelos do pardal, ou ainda misturar os seus filhotes com os pardais bem novos. Se se os coloca em um quarto de onde não possam escutar os pardais lá fora: eles aprenderão dessa forma, o canto dos canários e se obterá dos pardais que cantem. Do mesmo modo é de se admirar que cada espécie de passarinho conserve através de todas as gerações um certo canto fundamental e essa tradição do canto é, talvez, a mais fiel do mundo.

O homem só pode tornar-se homem pela educação. Ele é nada, a não ser o que a educação faz dela. É necessário lembrar que o homem só é educado pelos homens e por homens que, por sua vez, tenham sido educados. Por isso, a falta de disciplina

5 Aqui, o uso da palavra formação (Bildung) como categoria que abrange ascese moral (Zucht) e instrução, contradiz-se, com o sentido que lhe é atribuído no início do texto (cf. 1º parágrafo), onde esses conceitos são considerados como dimensões distintas da educação. Essa contradição, pode ser explicada a partir das condições em que o texto foi elaborado: trata-se de anotações de um aluno, podendo incluir imprecisões. Por outro lado, poder-se-ia interpretar essa frase no sentido de que ascese moral (zucht) e instrução servem de base para a formação, porém não esgotam-na.

e de instrução faz com que alguns homens, também, sejam maus educadores para os seus educandos. Se algum dia um ser de natureza superior se encarregasse de nossa educação, nós veríamos então o que se pode fazer do homem. Mas, como a educação por uma parte só ensina certas coisas aos homens e por outra parte só desenvolve neles algumas coisas, é possível saber até onde vão as suas disposições naturais. Se ao menos com o apoio dos grandes e através das forças unidas de muitos se fizesse um experimento, isto nos daria já muitas explicações para saber até onde é possível que o homem avance. É um fato tão triste para um filantropo quanto digno de nota para uma mente especulativa, de ver a maior parte dos grandes cuidarem apenas deles mesmos e não participarem no importante experimento da educação, de tal maneira que a natureza desse um passo a mais no sentido da perfeição.

Não há ninguém que, tendo sido descuidado na sua juventude, não seja capaz de reconhecer na idade madura no que ele foi negligenciado, seja na disciplina ou na cultura (é assim que se pode nomear a instrução). Aquele que não é cultivado é bruto, aquele que não é disciplinado é selvagem. A falta de disciplina é um mal bem maior que a falta de cultura porque esta pode ser recuperada mais tarde, mas a selvageria não pode ser retirada e um descuido na disciplina não pode ser restituído. Pode ser que a educação tenda a melhorar e que cada geração, por sua vez, dê um passo a mais em relação ao aperfeiçoamento da humanidade, pois é na educação que repousa o grande segredo da perfeição da natureza humana. E isso pode acontecer desde já. Pois só atualmente se começa a julgar corretamente e enxergar com clareza o que pertence verdadeiramente a uma boa educação. É uma coisa fascinante imaginar que a natureza humana será aperfeiçoada sempre pela educação, e que se pode dar a esta última uma forma que é adequada à humanidade. Isto nos abre uma perspectiva de uma futura espécie humana mais feliz.

É um nobre ideal o projeto de uma teoria da educação. E não faz mal que nós ainda não sejamos capazes de realizá-la de imediato. Não se deve ter a idéia por quimera ou rejeitá-la como um belo sonho, mesmo se os obstáculos se oponham à sua realização.

Uma idéia não é outra coisa que o conceito de uma perfeição que não é encontrada ainda na experiência. Por exemplo, a idéia de uma república perfeita, governada de conformidade com as regras da justiça. Ela é impossível por causa disso? Em primeiro lugar a nossa idéia precisa ser correta e nesse caso a despeito de todos os obstáculos que se oponham ainda à sua realização, ela não é de maneira nenhuma impossível de se realizar. Se, por exemplo, cada um mentisse, dizer a verdade seria por isto uma simples quimera? E a idéia de uma educação, que desenvolve todas as disposições naturais do homem, é evidentemente verídica.

Na educação atual o homem não atinge inteiramente o objetivo de sua existência. Pois - como os homens vivem diferentemente! uma uniformidade só pode ocorrer entre eles se eles agissem conforme princípios idênticos e esses princípios dever-se-iam tornar-se para eles uma outra natureza. Mas, nós podemos trabalhar no plano de uma educação mais apropriada ao objetivo e legar à posteridade instruções que ela poderá realizar passo a passo. Pode-se verificar, por exemplo, as orelhas de urso, quando são cultivadas se utilizando a raiz, as flores que se obtém

são todas da mesma cor, quando ao contrário, se semeia o grão, se obtém flores diferentes e de cores mais variadas. A natureza portanto põe nelas os germes e para desenvolvê-los nas mesmas depende-se da maneira adequada de se semear e plantar. É o mesmo para o homem!

São depositadas muitas sementes na humanidade e é agora nossa tarefa desenvolver de uma maneira proporcionada as disposições naturais e desdobrar a humanidade a partir dessas sementes, e fazer com que o homem atinja o seu destino. Os animais cumprem eles mesmos seu destino e sem o conhecer. Só o homem precisa buscar atingi-lo e isto não pode acontecer, se ele sequer possui um conceito de seu destino. No indivíduo o alcance do destino é mesmo inteiramente impossível. Se se pressupõe um primeiro casal realmente formado, resta ainda analisar como ele educou seus filhos. Esses primeiros pais já oferecem aos seus filhos um exemplo, as crianças os imitam e assim se desenvolvem algumas disposições naturais. Todos não podem ser formados desta maneira, pois são via de regra, em circunstâncias ocasionais que as crianças percebem os exemplos. Antes os homens não tinham eles mesmos um conceito de perfeição do que a natureza humana é capaz de atingir. Mesmo nós, nem sequer chegamos ainda a uma certeza desse conceito. Pois tem-se a certeza que são homens singulares, atribuindo toda formação a seus educandos, que vão conseguir que esses atinjam o seu destino. Não são os indivíduos, mas a espécie humana que deve chegar lá.

A educação é uma arte, cujo exercício deve ser aperfeiçoado por muitas gerações. Cada geração guarnecida com os conhecimentos das precedentes, sempre é mais capaz de conseguir realizar uma educação que desenvolva, de uma maneira apropriada e proporcional todas as disposições naturais do homem, e que assim, conduza a espécie humana inteira a seu destino. - A providência quis que o homem devesse desenvolver de si mesmo o bem e ela lhe diz de algum modo: "Vá ao mundo - assim poderia falar ao homem o Criador - eu te dei todas as disposições ao bem. Convém a ti desenvolvê-las e assim tua própria felicidade e tua infelicidade dependem de ti mesmo".

O homem ainda deve desenvolver suas disposições para o bem, a proviência não as colocou já acabadas no homem, são simples disposições sem a distinção da moralidade. Melhorar a si mesmo, cultivar a si mesmo, e se ele é mau, desenvolver em si mesmo moralidade, é o que deve fazer o homem. Quando nós refletimos maduramente sobre isto nós vemos o quanto isto é difícil. É porque a educação é o maior e mais difícil problema que pode ser proposto ao homem. Pois, a sabedoria (Einsicht⁶) depende da educação e a educação, por sua vez, depende da sabedoria. Por isso a educação só pode progredir passo a passo e um conceito exato de educação

6 Não existe uma palavra na língua portuguesa que se aproxime suficientemente do sentido da palavra Einsicht. A introdução da palavra Insight (Tradução de Einsicht) no nosso vocabulário vem suprir essa lacuna. Originalmente a palavra Einsicht significa ver alguma coisa por dentro, no seu interior (referindo-se a coisas). Este é o sentido estrito. Posteriormente o uso da palavra passou a designar também determinados processos mentais nesse caso, Einsicht significa o resultado de uma reflexão aprofundada. Justifica-se assim, nesse contexto, a tradução de Einsicht por sabedoria (cuja tradução literal seria Weisheit).

só pode ser estabelecido porque uma geração lega suas experiências e seus conhecimentos à seguinte e esta por sua vez acrescenta alguma coisa e os lega assim, aumentados, àquela que lhe sucede. Que grande cultura, que grande experiência não supõe, portanto, este conceito? É por isso que ele só poderia aparecer tardiamente e nós ainda não o temos trazido à completa claridade. A questão que se coloca é se a educação do indivíduo deve verdadeiramente imitar a cultura da humanidade em geral atravessando suas diferentes gerações.

São duas as descobertas do homem que se está no direito de considerar como as mais difíceis: a arte de governar os homens e aquela de os educar, e entretanto se está ainda a discutir sua idéia.

Por onde pois começaremos nós a desenvolver as disposições humanas? Devemos nós partir de um estado inculto, ou de um estado já cultivado? É difícil de conceber um desenvolvimento partindo da barbárie (e é por isso que o conceito do primeiro homem é tão difícil), e nós vemos que no desenvolvimento partindo de um tal estado recai-se sempre na barbárie e por conseguinte é se sempre de novo forçado a dela sair. Mesmo nos povos muito cultivados nós encontramos nos mais antigos escritos que eles nos legaram uma aproximação grande à barbárie e entretanto que cultura supõe já a escrita? Considerando os homens já civilizados poder-se-ia verdadeiramente chamar o começo da escrita o começo do mundo.

Por que o desenvolvimento das disposições naturais do homem não se efetua espontaneamente, toda educação é uma arte. - A natureza não colocou para isso nenhum instinto que diga respeito a ela (que a concerne). A origem, tanto quanto o progresso dessa arte, é ou MECÂNICA, ordenada sem plano conforme as circunstâncias dadas, ou JUDICIOSA. A arte da educação é mecânica quando resulta simplesmente de circunstâncias nas quais nós aprendemos pela experiência se alguma coisa é prejudicial ou útil ao homem. Toda arte educativa que se constitui mecanicamente, necessariamente compreende muitos erros e lacunas, por que ela não se baseia em nenhum plano. A arte da educação, ou a pedagogia, deve, portanto, tornar-se judiciosa, caso em que ela deve desenvolver a natureza humana de tal sorte que aquela atinja seu destino. Pais já educados, são exemplos dignos de imitação, segundo os quais as crianças se formam, e segundo os quais elas se guiam. Mas se as crianças devem tornar-se melhores, é necessário que a pedagogia torne-se um estudo, pois, de outro modo, não se pode esperar nada dela e alguém estragado na sua educação educaria um outro. O mecanismo na arte da educação tem que ser transformado em ciência, senão ele nunca se tornaria um esforço coerente, e uma geração poderia arruinar o que uma outra teria já construído.

É um princípio da arte da educação que particularmente os homens que fazem planos de educação deveriam ter sob os olhos: não se deve apenas educar as crianças conforme o estado presente da espécie humana, mas segundo o estado futuro possível e melhor, isto é, elas devem ser educadas conforme a Idéia da Humanidade e o seu destino integral. Esse princípio é de grande importância. Comumente os pais criam os seus filhos de modo que eles se adequem ao mundo atual, mesmo que ele seja corrompido. Mas eles deveriam educá-los melhor, a fim de que com isso se pudesse gerar um estado melhor futuramente. Todavia dois obstáculos se apresen-

tam aqui:

- 1) Os pais Comumente só se preocupam com que seus filhos sejam bem-sucedidos no mundo e,
- 2) Os príncipes consideram seus súditos apenas como instrumentos para seus propósitos.

Os pais cuidam da casa, os príncipes do Estado. Ambos não têm como finalidade última o bem universal e a perfeição a qual a humanidade é destinada, e para a qual ela possui suas disposições. Entretanto a base de um plano de educação deve ser construída de maneira cosmopolita. E, será que o Bem universal é uma idéia que possa prejudicar a nosso bem particular? Jamais! Pois mesmo que num primeiro momento pareça que se precisaria sacrificar alguma coisa, ele, o Bem universal, não obstante, promove sempre o melhor para o seu estado presente. E tantas magníficas conseqüências lhe acompanham! A boa educação é precisamente fonte da qual brota todo bem nesse mundo. As sementes, que estão no homem, só precisam ser mais desenvolvidas. Pois não se encontram as razões que conduzem ao mal nas disposições naturais do homem. A causa do mal é só isso: a natureza não está sendo submetida a regras. No homem apenas existem sementes para o Bem.

Mas de onde deve provir um melhor estado do mundo? Dos príncipes ou dos súditos? É preciso que os súditos comecem por se aperfeiçoar eles mesmos, perfazendo já a metade do caminho em direção a um bom governo? Se esse melhor estado do mundo deve ser estabelecido pelos príncipes, então é necessário de início que a educação dos príncipes torne-se melhor, pois durante muito tempo ela cometeu o grande erro de em nada se lhes opor durante sua juventude. Pois, uma árvore, isolada no meio de um campo, cresce curvada e estende seus galhos ao longe, uma árvore no meio da floresta, ao contrário, por causa das árvores ao seu lado que se lhe opõem, cresce direito e procura ar e sol acima de si. Assim é também com os príncipes. Mesmo assim ainda é melhor que eles sejam educados por um de seus súditos, que por um de seus semelhantes: por isso, nós só podemos esperar que o bem venha do alto caso a educação lá seja primorosa! É por isso que um estado melhor do mundo depende sobretudo dos esforços particulares e nem tanto da contribuição dos príncipes, como Basedow e outros pensaram. Pois, a experiência ensina que os príncipes, a fim de atingir seus propósitos, têm menos em vista o Bem universal que o bem-estar de seu Estado. Mas destinam eles o dinheiro para este fim? Tem que ser reservado a eles o direito de esboçar o plano. Assim, é que acontece com tudo o que concerne à formação do espírito humano, à expansão dos conhecimentos humanos. Poder e dinheiro não os criam, ao máximo os facilitam. Mas eles poderiam os criar se as condições da economia estatal não calculasse os juros apenas com vistas ao cofre do Reino. Também as academias não o têm feito até aqui e hoje parece menos que nunca que eles começariam a fazê-lo.

É por isso que a implementação das escolas deveria depender exclusivamente de juízos dos conhecedores mais esclarecidos. Toda cultura começa pelo homem particular e tende a se estender a partir daí. Uma aproximação gradativa da natureza humana aos seus fins só é possível graças aos esforços de pessoas de vocações de

grande alcance que compartilham do Bem universal e são capazes de conhecer a Idéia de um estado melhor futuro. Mesmo assim alguns poderosos só consideram às vezes o seu povo, por assim dizer, apenas como parte do reino natural e só direcionam sua atenção ao fato de que ele se reproduz. Nesse caso, no máximo se exige habilidades, mas unicamente com o fim de usar melhor ainda seus súditos como um instrumento para os seus propósitos. Homens particulares devem sem dúvida ter também diante dos olhos, desde o início, a finalidade da natureza, mas eles devem também cuidar principalmente do desenvolvimento da humanidade e vigiar para que ela não se torne somente habilitada, mas também moral, e, o que é mais difícil, conduzir a posteridade mais adiante do que eles mesmos conseguiram.

Portanto, na educação o homem deve:

1) Ser disciplinado. Disciplinar significa: procurar evitar que a animalidade prejudique a humanidade, tanto no homem individual como no homem social. A disciplina só consiste em domar a selvageria.

2) O homem deve ser cultivado. A cultura compreende o ensinamento e a instrução. Ela proporciona a habilidade. Esta última é a posse de uma faculdade que serve para as mais variadas finalidades. Ela não determina ela mesma portanto nenhum fim, mas os deixa às determinações das circunstâncias.

Certas formas de habilidade são sempre boas, por exemplo: ler e escrever, outras só são boas para certos fins, por exemplo: a música para nos tornar amáveis. Por causa da grande quantidade de fins a habilidade se torna de uma certa maneira infinita.

3) Nós temos também que observar que o homem se torne prudente, que ele se adapte à sociedade humana, que ele seja amado, que ele tenha influência. A isso pertence uma certa forma de cultura que se chama civilização. Ela exige maneiras, polidez e uma certa delicadeza, que faz com que se possa usar todos os homens para seus fins essenciais. Ela se regula sobre o gosto que muda a cada século. Dessa forma, se gostava há poucas décadas de cerimônias na convivência.

4) Deve-se observar a moralização. O homem não deve ser simplesmente apto a todos os tipos de fins, mas ele deve também adquirir mentalidade para só escolher os fins bons. Os fins bons são aqueles que são necessariamente aprovados por cada um e ao mesmo tempo poderiam ser os fins de qualquer pessoa.